

2004/02/28

A GUERRA GLOBAL DOS EUA CONTRA O TERRORISMO

Alexandre Reis Rodrigues

Jeffrey Record, que é professor no Departamento de Estratégia e Segurança Internacional no Colégio de Guerra Aérea da Força Aérea Americana em Montgomery, Alabama, publicou recentemente uma análise da actual estratégia americana no combate ao terrorismo e à proliferação de armamento de destruição maciça. [1]

O jornal “Público” [2] referiu-se, recentemente, a este trabalho mas para apenas destacar as referências críticas aí feitas sobre a Guerra do Iraque que o autor considerou uma guerra desnecessária, consumidora de recursos que seriam melhor utilizados para melhorar a segurança interna dos EUA e um desvio da luta, bem mais importante, contra o terrorismo.

Aparentemente, o autor não reconhece que os EUA terão visto na mudança de regime no Iraque sobretudo a oportunidade de passarem a ter controlo sobre uma região do mundo onde se concentram os simpatizantes e apoiantes do movimento radicalista islâmico e os principais centros e dirigentes da al-Qaeda, cuja destruição, após os atentados do 11 de Setembro, passou a ser a sua prioridade número um. Considera, em vez disso, que com a invasão do Iraque foi apenas abrir-se mais uma frente de luta no Médio Oriente, agravando-se ainda mais a já difícil situação aí existente.

As questões que Jeffrey Record levanta são essencialmente de natureza académica, a começar pela utilização do próprio termo “guerra” que, na sua acepção tradicional de operações militares envolvendo forças militares (regulares ou não regulares) e com um princípio e fim bem definidos, não considera aplicável aos esforços para desmantelar a al-Qaeda. Quando muito, trata-se de uma combinação de operações militares com *military operations other than war*, mais na área das actividades policiais e da Intelligence – ainda que com as forças armadas num papel de apoio – e com acções desenvolvidas por outros departamentos do estado, sem qualquer natureza militar. Porém, como o próprio autor reconhece, parece não existir hoje melhor termo para expressar a vontade de uma administração para resolver as dificuldades; daí, a guerra contra a pobreza, a guerra contra o analfabetismo, a guerra contra as drogas e agora a guerra contra o terrorismo. [3]

No campo do combate ao terrorismo, o trabalho critica especialmente a excessiva ambição da actual administração americana em incluir aí a luta contra o próprio fenómeno “terrorismo” e o pretender abranger todas as organizações terroristas em geral, quando muitas delas nada têm a ver com os EUA. Enfrentar o terrorismo, como fenómeno, implicaria consenso sobre a sua definição, o que continua muito longe de ser conseguido. Antes de tudo o mais, terrorismo é um método de exercer violência e uma forma de conduzir uma guerra irregular, tal como a guerrilha; não é realista estabelecer o objectivo de lhe pôr termo, como o pretende fazer a actual estratégia americana.

Segundo Jeffrey Record tanto as organizações terroristas como os estados pária são hostis à actual ordem internacional e recorrem à violência para a alterar. Para muitos, os EUA são o inimigo comum; Israel, no caso do Médio Oriente. No entanto, têm uma natureza diferente e não são da mesma forma vulneráveis ao poder dos EUA, como se explica seguidamente.

As organizações terroristas são entidades de natureza secreta, difícil de identificar, sem responsabilidades territoriais, sem estatuto de estado e que têm, precisamente neste último aspecto, a sua principal protecção. Os estados pária, por outro lado, são entidades soberanas nos seus próprios territórios, respectiva população e demais infra estruturas, estão à partida muito mais expostos a ataques militares, logo podem ser condicionados por dissuasão, o que não acontece com as organizações terroristas.

Para o autor, a al-Qaeda não hesitará em utilizar armamento de destruição maciça, tão cedo a ele tenha acesso; pelo contrário, nenhum estado pária alguma vez usou esse tipo de armamento, quando ameaçado pelos EUA, embora o possuísse. Saddam usou armas químicas contra os iranianos e contra o seu próprio povo, quando em nenhum dos casos corria o risco de sofrer uma retaliação idêntica, mas não considerou essa hipótese contra os EUA ou Israel quer em 1991 quer em 2003. O mesmo se passa com a Coreia do Norte. Só o receio de sofrerem uma retaliação poderá explicar essa inacção; embora dispostos a arriscar mais e questionar a autoridade dos mais fortes não irão certamente ao ponto de porem em causa a sua própria sobrevivência.

Por estas razões, Jeffrey Record considera que a actual estratégia americana está sofrer do erro

grosseiro de não estabelecer uma clara distinção entre a luta contra a al-Qaeda, que pode exigir uma guerra preventiva, e a luta contra os estados pária que, em princípio, pode ser conduzida apenas através de uma dissuasão eficaz. Não é esta porém a doutrina americana, quando na National Security Strategy de 2002 refere que é pouco provável que uma dissuasão baseada apenas em retaliação funcione devidamente contra líderes de estados pária dispostos a correr riscos, jogando com as vidas dos seus povos e as riquezas dos seus países.

O assunto é obviamente passível de discussão, principalmente em termos académicos. Neste caso, porém, estamos perante uma opção política que, mau grado as dificuldades de aceitação que tem provocado nalguns sectores – que até poderiam ser evitados ou pelo menos minimizados – parece estar a dar frutos. Veremos se o futuro confirma o seu acerto.

[1] Texto completo em “www.carlisle.army.mil/sis/”.

[2] Edição de 14 de Janeiro de 2004, artigo de João Carlos Silva, “Relatório publicado ontem pelo War College do Exército dos EUA- A guerra com o Iraque foi um erro estratégico.”

[3] Para tanto o autor cita Colin Gray quando este refere: “The conflict with global terrorism bears more resemblance to a protracted hunt than it does to what most people understandably call a war.